

As ciências na construção dos discursos (pós) modernos sobre a condição juvenil

The sciences in construction of (post) modern youth condition discussions

João Elton Jesus

Resumo

Buscando evitar uma visão fragmentada ou reduzida sobre o nosso objeto de estudo, este trabalho tem o objetivo de compreender o fenômeno contemporâneo do ser jovem e os discursos sobre as juventudes a partir de diversos saberes. Nesse sentido buscaremos mostrar as contribuições e limitações que as ciências trazem para a condição juvenil, tentando verificar as relações, afirmações, limitações e contradições que essas apresentam em seus discursos. Para isso, primeiramente apresentaremos a concepção biológica juvenil, em seguida a visão de juventude relatada pela psicologia e psicanálise e, por fim, olharemos para o fenômeno das juventudes sob a ótica das ciências sociais e de como os jovens se mostram nos diversos contextos em que estão inseridos.

Palavras-chave

Juventude, Ciências Sociais, Biologia.

Abstract

Seeking to avoid a fragmented or reduced view of our object of study, this work aims to understand the contemporary phenomenon of being young and the discourses about youth from various knowledge. In this sense we will show the contributions and limitations that the sciences bring to the youth condition, trying to verify the relationships, affirmations, limitations and contradictions that they present in their discourses. For this, we will first present the youth biological conception, then the vision of youth reported by psychology and psychoanalysis and finally, we will look at the phenomenon of youth from the perspective of the social sciences and how young people show themselves in the different contexts in which they are inserted.

Keywords

Youth, Social Sciences, Biology.

João Elton Jesus

UNICAP

Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco - Unicap, Especialista em Juventude no Mundo Contemporâneo e Licenciado em Filosofia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia - FAJE, Bacharel em Administração com ênfase em Marketing pelo Centro Universitário Anhanguera.

joao.elt@gmail.com

Introdução

A Revolução Científica inaugurada no séc. XVII inovou a forma de ver o mundo e principalmente a maneira da humanidade de lidar com a natureza. No decorrer dos séculos seguintes, inúmeras descobertas sobre a realidade foram feitas e, a cada momento, novas tecnologias e recursos eram desenvolvidos para saciar a fome do homem pelo saber.

Nesse arcabouço, a juventude/adolescência, que já causava espanto e curiosidade na sociedade desde tempos remotos, também se tornou objeto desses estudos, que, por sua vez, passaram a proferir discursos que, tendo em vista a relevância da ciência para a sociedade contemporânea, passou a ser concebida como verdades absolutas e incontestáveis, tal como definida por Santos (1988, p. 48) quando faz a seguinte afirmação:

Sendo um modelo global, a nova racionalidade científica é também um modelo totalitário, na medida em que nega o caráter racional a todas as formas de conhecimento que se não pautarem pelos seus princípios epistemológicos e pelas suas regras metodológicas. É esta a sua característica fundamental e a que melhor simboliza a ruptura do novo paradigma científico com os que o precedem.

Segundo Luís Groppo (2000, p. 59), a “modernidade traz consigo um processo de cerceamento político, policial, moral, empírico e científico do indivíduo”. Para ele, as ciências buscaram objetivar, definir e acompanhar as diversas “fases de maturação” do ser humano e principalmente da juventude. As conclusões obtidas criaram discursos em que “cada indivíduo [passou a ter] certeza de que, no momento indicado, o sinal da natureza irá despertar nele transformações bio, psico e sociológicas pré-diagnosticsadas” (p. 59).

Tendo em vista uma filosofia e uma análise crítica que possa entender os aspectos concebidos na construção dos discursos sobre o que é ser jovem no mundo contemporâneo, esse trabalho buscará compreender o fenômeno juventude a partir das várias abordagens científicas e saberes. Com isso demonstraremos os recursos e olhares que tais processos se deram e assim compreendermos que tais dizeres são importantes, mas que, vista de forma fragmentada, ainda não pode mostrar ou definir a especificidade e a abrangência daquilo que hoje compreendemos como juventude, o que nos mostra que as ciências são importantes para a compreensão de mundo, mas não podem ser as únicas detentoras dos discursos e dos saberes que definem a realidade.

A fim de cumprir o nosso propósito, primeiramente abordaremos os discursos sobre juventude construídos pelas ciências da biologia. Em seguida veremos os argumentos da psicologia e psicanálise para falar sobre a realidade juvenil e por último a construção das ciências sociais, que com o aporte da filosofia, faz um avanço nos olhares sobre juventude ampliando essa categoria e abrindo tal realidade para novos horizontes.

1. Juventude e biologia

Algumas abordagens das ciências biológicas afirmam que o início da adolescência/juventude se dá primeiramente a partir de características biológicas e fisiológicas. Esse processo tem o nome de puberdade e marca muitas mudanças que implicam diretamente na vida social e afetiva do “neo-jovem”. Em um trecho da obra *Odisseia do desenvolvimento humano* podemos entender um pouco esse “movimento” transformador:

A tripla interação bioquímica que dá início à puberdade – hipotálamo, glândula pituitária, órgãos sexuais – começou a trabalhar durante a vida

fetal e a segunda infância. [...] Esses processos se ocultaram por quase uma década antes de ser reativados pouco antes da adolescência. A seguir, guiados pela genética, nutrição e fatores como estresse e dinâmica familiar, transformações complexas na neuroquímica do cérebro iniciaram uma renovação do processo. Ativado por um gene ironicamente chamado de Kiss-I e pelo neurotransmissor que ele codifica (kisspeptina), o hipotálamo secretou uma substância chamada hormônio liberador de gonadotropina (GRH), que estimulava a glândula pituitária a liberar duas formas de gonadotropina: hormônio luteinizante e hormônio estimulador de folículos. Essas substâncias químicas, por sua vez, ativaram os ovários e testículos para produzir androgênios e estrogênios (hormônios sexuais), bem como os espermatozoides e óvulos que possibilitaram a reprodução. A puberdade chegou (ARMSTRONG, 2011, p. 145).

Nesse sentido, podemos afirmar com Lirio (2012, p. 17) que a puberdade engloba um conjunto de modificações biológicas que transformam o corpo infantil, constituindo-se em um dos elementos da adolescência e um forte demarcador entre a vida de infância e a vida de jovem. Tal palavra passa a fazer parte, portanto, do vocabulário que passaria a ser formado a partir das ciências biológicas para a construção dos discursos sobre juventude, constituindo, muitas vezes, a verdade e a identidade dos jovens na era das ciências.

No auge do século XIX, o naturalista britânico Charles Darwin publicou a obra *A origem das espécies*, cuja teoria afirma que os organismos vivos evoluem através de um processo que ele chamou de “seleção natural. Para Darwin, há uma luta pela sobrevivência na natureza e não necessariamente o mais forte sobrevive, mas o que melhor se adapta às condições do ambiente em que vive. Impulsionados, então, pelo pensamento darwiniano, os estudos sobre o desenvolvimento humano começaram a ser efetivados (ADÃO, 1994, p. 4). Entre os cientistas pioneiros destaca-se o estadunidense Staley Hall que, influenciado pela biogenética inaugurada por Ernest Haeckel, trouxe a curiosidade de Darwin e a visão naturalística para um novo estudo do comportamento humano conhecido como psicologia.

Fernandez e Gil, citados por Vicente (2014), afirmam que Hall descreve a adolescência como um período pessoal de tendências contraditórias. “O adolescente pode expressar muita energia e atividade desmedida e alternativamente mostrar-se indiferente; pode passar da euforia à depressão, da espontaneidade à timidez, do egoísmo ao altruísmo egoísta” (Vicente, 2014, p. 27). Podemos afirmar que a juventude apresentada pelas teorias de Hall é uma idade dramática, tumultuada e cheia de tensões. Isso se deve, pois, essa fase apresenta um corte profundo com a infância, pois conforme afirma para Silva (2009, p. 91), citando Hall, “un nuevo nacimiento en la que el joven adquiere los caracteres humanos más elevados”.

A visão de Hall sobre o desenvolvimento humano, e, portanto, da juventude/adolescência inaugura uma abordagem desenvolvimentista e universalista, definindo os jovens de forma normativa e diferente das outras fases da vida devido ao seu desenvolvimento psicobiológico. O autor não leva em conta as variáveis do ambiente social, pois sua teoria do desenvolvimento, tal como afirma Adão (1994, p. 9) acontece “a partir de fatores fisiológicos determinados pela genética, passa por estágios evolutivos, como o da humanidade, desde o estágio animal até os mais civilizados”.

Nesse sentido, os comportamentos contraditórios apresentados por Hall, são características da juventude que não se podem evitar, que não mudam e que não dependem da sociedade ou da cultura. Assim, reforça-se um estereótipo negativo sobre a juventude pois “la idea de adolescencia de Stanley Hall pervivió en la psicología académica y popular por medio de la imagen del adolescente atribulado y rebelde” (VICENTE, 2014, p. 28).

2. Psicanálise e Psicologia

O final do Século XIX e início do Século XX também foi palco do nascimento da psicanálise, teoria desenvolvida por Sigmund Freud que busca a compreensão e a análise do homem a partir do seu inconsciente. No que tange à juventude/adolescência, Freud em sua obra *Três ensaios sobre a sexualidade*, “realçou as importantes fases da sexualidade infantil, até então negadas pelo meio científico, e também o que ocorria no jovem, no período intermediário entre a infância e a vida adulta”. (CAMARA; CRUZ, 1999, p. 4)

Além de Anna Freud, que também muito contribuiu para a reflexão psicanalítica da juventude, destacamos os estudos promovidos por Erick Erikson que afirma o homem como um “ser social, antes de tudo, um ser que vive em grupo e sofre a pressão e a influência deste” (RABELO, p. 184, 2001). Para ele, uma das características juvenis é a busca de identidade, no entanto, tendo em vista as influências do seu meio, os jovens vivem essa busca em um contexto de crise, pautada por pressões e desafios.

Segundo esse pensador do desenvolvimento humano, a forma de lidar com essa crise da juventude é inserir-se e buscar apoio em grupos de pares, de iguais, formando assim uma cultura juvenil. Nas palavras de Erikson (1976, p. 129), “os jovens, assediados pela revolução fisiológica de sua maturação genital e a incerteza dos papéis adultos à sua frente, parecem muito preocupados com as tentativas mais ou menos excêntricas de estabelecimento de uma subcultura adolescente”.

Essa subcultura juvenil se insere, naquilo que Erikson chama de moratória psicossocial, que se constitui em um período entre a infância e a vida adulta em que o jovem, inserido em uma situação de crise, busca a constituição de sua identidade em meio à influência social. Segundo esse autor, os jovens precisam de “uma moratória para a integração dos elementos de identidade atribuídos nas páginas precedentes às fases da infância; só que agora, em uma unidade mais vasta, indefinida em seus contornos e, no entanto imediata em suas exigências, substitui o meio infantil: a “sociedade” (ERIKSON, 1976, p. 29).

A moratória psicossocial para Erikson é caracterizada por um tempo em que os jovens estão envolvidos em processos que englobam: a) preocupação com o que possam parecer aos olhos dos outros, podendo ter um medo de sentir-se exposto ou ridículos; b) procura de pessoas, ideias, movimentos e “ídeos” em que possam confiar, seguir e mostrar um horizonte diferente diante da história; c) busca pela autonomia, uma oportunidade de decidir, com livre assentimento, de sua própria vida. Nesse sentido, algo que pode se destacar na moratória e na forma psicossocial de ser é a busca de experiências. Busca-se novas vivências, principalmente aquelas que se apresentam diferentes das referências da infância transmitida pelo âmbito familiar. Por isso que Erikson (1976, p. 248) afirma que há uma tendência na juventude de rejeitar “frequentemente os pais e as autoridades”.

Tendo em vista a constituição de identidade e a associação com pares a fim de lidar com a crise, verifica-se na moratória psicossocial um importante aspecto que é a busca juvenil por intimidade. Segundo Erikson (1976, p. 242) “só quando a formação de identidade está em pleno desenvolvimento é que a verdadeira intimidade é possível”. Há, portanto, uma dialética entre identidade e intimidade. Essa, se dá no processo de socialização e reforça o ego dos jovens que:

[...] emerge da confirmação mútua do indivíduo e da comunidade, no sentido de que a sociedade reconhece o indivíduo jovem como portador de novas energias e de que o indivíduo assim confirmado reconhece a sociedade como um processo vivo que tanto inspira honra como exige. (ERIKSON, 1976, p. 242).

A teoria de Erik Erikson apresenta uma juventude pautada pela crise que encontra na associação de pares o apoio para a constituição da sua identidade. Nesse processo, vai se constituindo uma cultura juvenil que denota a chamada moratória psicossocial, em que os jovens “passam a ganhar” um “tempo” para superar os desafios e “avançar” para a vida adulta.

A moratória apresenta vários problemas, como veremos a frente quando olharmos as juventudes a partir da ótica das ciências sociais, pois há diversos aspectos que influenciarão a forma de viver esse período, tal como etnia, gênero e classe social. No entanto, não se pode negar que o pensamento de Erikson trouxe novos e numerosos elementos para a reflexão desse período da vida humana.

A ideia de juventude como tempo de crise é continuada e aprofundada por algumas linhas da psicologia contemporânea. Nesse sentido, além do aspecto social, soma-se a questão biológica pautada pelas mudanças corporais e a relação com os pais. Aberastury e Knobel (1981, p. 13) afirmam que as “mudanças psicológicas da adolescência/juventude são correlatas às mudanças corporais e à relação com os pais e com o mundo”. Para eles a juventude/adolescência

[...] está caracterizada fundamentalmente por ser um período de transição entre a puberdade e o estado adulto do desenvolvimento e que nas diferentes sociedades este período pode variar, como varia o reconhecimento da condição adulta que se dá ao indivíduo. Entretanto, existe, [...] uma situação que obriga o indivíduo a reformular os conceitos que tem a respeito de si mesmo e que o levam a abandonar sua auto-imagem infantil e a projetar-se no futuro de sua vida adulta. O problema da adolescência deve ser tomado como um processo universal de troca, de desprendimento, mas que será influenciado por conotações externas peculiares de cada cultura, que o favorecerão ou dificultarão, segundo as circunstâncias (ABERASTURY; KNOBEL, 1981, p. 26).

Algo que essas linhas da psicologia contemporânea afirmam é a chamada Síndrome da adolescência normal cuja sintomatologia consiste em: 1) busca de si mesmo e da identidade; 2) tendência grupal; 3) necessidade de intelectualizar e fantasiar; 4) crises religiosas, que podem ir desde o ateísmo mais intransigente até o misticismo mais fervoroso; 5) deslocalização temporal, onde o pensamento adquire as características de pensamento primário; 6) evolução sexual manifesta, que vai do auto-erotismo até a heterossexualidade genital adulta; 7) atitude social reivindicatória com tendências anti ou associas de diversa intensidade; 8) contradições sucessivas em todas as manifestações da conduta, dominada pela ação, que constitui a forma de expressão conceitual mais típica deste período da vida; 9) uma separação progressiva dos pais; e 10) constantes flutuações do humor e do estado de ânimo. (ABERASTURY; KNOBEL, 1981).

Para essa linha psicológica apresentada por Aberastury e Knobel (1981, p. 14), uma juventude “sadia” é aquela em que há uma maturidade biológica, acompanhada de uma maturidade afetiva e intelectual, de modo que o indivíduo seja “capaz de aceitar, simultaneamente, seus aspectos de criança e de adulto pode começar a aceitar em forma flutuante as mudanças do seu corpo”.

Enfim, podemos afirmar com Groppo (2000, p. 61) que a psicologia define a juventude como uma “preparação psicossocial para a idade adulta e a sociedade, fase da definição de uma identidade e de uma individualidade”. Como vimos, esse processo “pode e deve envolver problemas emocionais, conflitos com os pais, com os valores sociais, etc. Tudo isso é necessário e saudável, desde que em doses corretas e de modo a permitir que, ao final, o

indivíduo encontre sua identidade própria e ajuste-se ao grupo social a que pertence” (GROPPO, 2000, p. 63).

3. Ciências Sociais

Assim como a psicologia, a sociologia foi uma das áreas do saber que surgiu e se desenvolveu no contexto do final do séc. XIX. Afirmando a sua independência em relação às crenças religiosas e filosóficas, o estudo científico da vida social tem por objeto a interdependência humana quando essa é entendida como uma teia de relações mais ou menos abrangentes, mais ou menos duradouras, que os homens estabelecem entre si por meio de suas ações recíprocas. Nessa busca de compreender a sociedade de forma disciplinada, o sociólogo, portanto, tem como seu habitat natural “todos os lugares de reunião humana, todo lugar em que homens se juntem” (BERGER, 1986, p. 65).

No mundo contemporâneo, pautado pela maior urbanização e escolarização da população, muitos sociólogos se debruçaram no estudo sobre juventude, pois nessa categoria se congregam homens e mulheres com interdependência e características específicas. Dentre os vários teóricos sobre esse tema, destacamos o francês Pierre Bourdieu que em sua obra *Questões de Sociologia* afirma que a juventude é só uma palavra. Para ele, (2003, p. 152) “a juventude e a velhice não são dadas, mas construídas socialmente, na luta entre jovens e velhos”. Desta maneira, o dado biológico da idade é socialmente manipulado e manipulável e “o fato de se falar dos jovens como de uma unidade social, de um grupo constituído, dotado de interesses comuns, e de se referir esses interesses a uma idade definida biologicamente, constitui já uma evidente manipulação”. (p. 153)

Regina Abramo afirma que devemos pensar a juventude para além de uma referência a uma faixa de idade ou um período da vida em que se completa o desenvolvimento físico e psicológico e inaugura a entrada no mundo adulto. Para ela “a noção de juventude é socialmente variável. A definição do tempo de duração, dos conteúdos e significados sociais desses processos se modificam de sociedade para sociedade e, na mesma sociedade, ao longo do tempo e através de suas divisões internas. (FREITAS, 2005, p. 13)

Nesse sentido, o sociólogo Juarez Dayrell afirma que a juventude é uma categoria socialmente produzida onde deve-se levar em conta que “as representações sobre a juventude, os sentidos que se atribuem a essa fase da vida, a posição social dos jovens e o tratamento que lhes é dado pela sociedade ganham contornos particulares em contextos históricos, sociais e culturais distintos” (DAYRELL, 2014, p. 110). Assim, podemos complementar essa afirmação com Andrade e Neto (2007, p. 21) que definem a juventude como uma produção de uma sociedade que conjuga em sua visão “estereótipos, momentos históricos, múltiplas referências, além de diferentes e diversificadas situações de classe, gênero, etnia, grupo etc”.

No desafio assumido pela sociologia da juventude de construir e analisar essa categoria, que como vimos, traz consigo de um lado a dimensão biológica e universal, mas, também, uma dimensão que envolve a cultura e a história, apresentaremos algumas das características mais evidentes no que concerne às juventudes: identidade, sociabilidade, pluralidade, expressividade, reversibilidade, conectividade, levando em conta que elas não são encontradas de modo isolado, mas estão como que entrelaçadas, uma sendo causa e se relacionado com a outra bem como se apresentam de intensidades e formas variadas dentro das juventudes.

Com a urbanização e escolarização da sociedade, os jovens conquistaram espaços que excedem ao âmbito familiar e privado. Ao buscar a construção da identidade, conforme vimos nas explicações psicológicas e psicanalíticas da juventude, os jovens tendem a adentrar em novos

horizontes existenciais, ethos diferente daqueles que possuíam ainda sob o controle mais assíduo dos pais. Esse jovem “liberto” no mundo busca saber quem é, sua identidade, aquilo que o constitui. Esse acontece em um processo de “crise” pautado pelas novidades que podem ser enfrentadas pelo jovem tanto positiva quanto negativamente.

Nessa busca de identidade, uma “ferramenta” que se torna imprescindível é a sociabilidade, pois conforme aponta Léon (2005, p. 14) “também existe um reconhecimento de si mesmo num coletivo maior, em um grupo social que define e que determina, por sua vez, ao compartilhar uma situação comum de vida e convivência. A identidade refere-se obrigatoriamente ao entorno, o ambiente”. Esse “ambiente” comumente é a escola, mas pode extrapolá-la nos espaços de lazer, de diversão ou mesmo no trabalho, pois ali encontra-se com o outro, com os pares e afins de forma que os amigos se tornam referência: “com quem fazem os programas, “trocam ideias”, buscam formas de se afirmar diante do mundo adulto, criando um “eu” e um “nós” distintivos” (DAYRELL, 2007, p. 111).

Além da escola, o trabalho aparece como um ambiente de identidade e socialização. Carrochano (2016, p. 206) aponta que “o mundo do trabalho, seja como realidade no tempo presente, seja como projeto de futuro, tem intensa presença na vida dos jovens”. Com o desenvolvimento do capitalismo e de um sistema pautado pelo trabalho e consumo, os jovens são indagados desde muito cedo sobre sua escolha profissional, e muitos deles vivem parte de sua juventude na preparação para o mercado de trabalho ou mesmo no exercício de uma atividade profissional.

O trabalho é entendido como uma das principais vias de realização pessoal e de construção de identidades, criador de relevantes vínculos sociais. Além de poder ser percebido também como fonte de criatividade e de inovação pela sua capacidade de produção de conhecimento, ciência e tecnologia, possibilitando as sociedades contínuas modificações sociais, políticas, econômicas e culturais. [...] E durante essa fase da vida que o indivíduo se constitui como ser autônomo pelo processo de relação com suas redes sociais: com suas famílias, seus grupos e suas comunidades; e pela interação que emerge nos campos da educação e do trabalho (ABRAMOVAY; ANDRADE; ESTEVEZ, 2007, p. 270).

O trabalho se apresenta como uma forma de identidade e sociabilidade, já que proporciona a ampliação de novos horizontes que extrapolem os espaços familiares e escolares. No entanto, em muitos casos, principalmente para as camadas mais baixas, o trabalho é condição de possibilidade para sobrevivência do jovem ou da própria família, já que se observa que alguns jovens sustentam o seu lar ou mesmo os seus estudos com o dinheiro ganho em ocupações, muitas vezes com péssimas condições. Também podemos dizer que o trabalho favorece a vivência de aspectos importantes da juventude, como o lazer, a educação, a vestimenta, o cuidado com o corpo e com a imagem pessoal.

Para Bajoit e Franssen (2007), o modelo tradicional de trabalho é ainda bem presente e desejável para muitos jovens. Assim, um grande problema que surge são os altos níveis de desemprego entre estes, ou mesmo, uma dificuldade de inserção no mercado de trabalho cada vez mais exigente não só por qualificação profissional, mas também pela necessidade de experiência, o que faz com que os jovens busquem uma educação cada vez mais tecnicista ou submetam-se a ocupações com péssima condição de trabalho. Nesse sentido, Picanço (2015, p. 569) ressalta que no Brasil “o padrão de inserção ocupacional dos jovens é marcado pela precariedade. [...] tanto da tendência a estar nas piores ocupações no mercado de trabalho, quanto ter a pior remuneração e relações de trabalho instáveis quando comparados aos adultos em ocupações semelhantes”.

A busca de identidade que se dá pela sociabilidade é pautada por um contexto de crescente tecnologia da informação que praticamente elimina o espaço entre as pessoas e muda a forma de sentir e vivenciar o tempo. Nesse sentido Ivone Neiva Santos e José Azevedo fazem um interessante estudo sobre a compreensão do tempo e espaço no mundo tecnológico. Eles destacam que “as sociedades modernas ocidentais, seriam, assim, moldadas principalmente por desvios espaciais e estariam orientadas para a comunicação à distância” (SANTOS; AZEVEDO, 2019, p. 241). Mencionando pensadores como Paul Virilio, Anthony Giddens, Marshall McLuhan e Manuel Castells, esses pesquisadores destacam o papel das tecnologias de transporte e de comunicação, como indutoras de velocidade, física e informacional, na alteração da nossa percepção do tempo e do espaço. Dessa maneira, tendo em vista a forte presença da tecnologia no mundo juvenil, podemos afirmar que as juventudes vão sendo formadas por meio de uma pluralidade de discursos, pensamentos e ideologias em meio às redes sociais on-line.

A juventude é um ícone nesse processo, pois ela interage crescentemente com as tecnologias e, assim, se produz, orienta seu comportamento, conduz a própria existência. As tecnologias digitais são, pois, um importante elemento constitutivo da cultura juvenil, afinal, esse grupo está cada dia mais ciborguizado. Ao se vincularem às tecnologias, eles passam a ser algo como híbridos tecnoculturais, que operam o próprio pensamento e conduzem suas ações numa constituição simbiótica com as tecnologias. Há múltiplas possibilidades de orientação da vida em que esse uso sobre as ações e a juventude estabelece um vínculo com a tecnologia da ordem da impregnação e da composição. Símbolos compartilhados no ciberespaço geram significados e referenciam atitudes e posturas das pessoas tanto quanto sinais e gestos do encontro físico. Poderíamos dizer que os jovens de hoje são nativos digitais, uma geração nascida na era da internet (SALES, 2014, p. 234).

Dentro desse novo contexto, podemos concordar com Dayrell (2007, p. 114), quando esse afirma que “os atores sociais não são totalmente socializados a partir das orientações das instituições, nem a sua identidade é construída apenas nos marcos das categorias do sistema”. Há, assim, espaços de socialização heterogêneos e concorrentes que fornecem às juventudes experiências variadas e forma, por conseguinte, uma variedade e pluralidade de diferentes juventudes.

Destarte, os jovens contemporâneos se destacam pela pluralidade e pela diversidade que envolve aspectos como origem social, espaço geográfico, de raça, de gênero. Assim, a juventude “não como uma categoria homogênea, mas marcada pela diversidade. Então utilizamos juventude no plural, para reforçar essa dimensão. Uma ideia de ‘juventudes’ que dê conta de uma diversidade imensa” (DAYRELL, 2011, p. 02). Desta maneira, a categoria de juventude embora no singular, traz um sentido plural; nela estão envolvidos vários grupos e diversas culturas e condições juvenis distintas.

Existem muitos e diversos grupos juvenis, com características particulares e específicas, que sofrem influências multiculturais e que, de certa forma, são globalizados. Portanto, não há uma cultura juvenil unitária, um bloco monolítico, homogêneo, senão culturas juvenis, com pontos convergentes e divergentes, com pensamentos e ações comuns, mas que são, muitas vezes, completamente contraditórias entre si. [...] vivencia-se a condição juvenil de diferentes maneiras, em função das diferenças sociais e de parâmetros concretos, como o dinheiro, a educação, o trabalho, o lugar de moradia, o tempo livre etc. Logo, a definição da categoria juventude em hipótese alguma pode ser a mesma para todos aqueles que nela estão enquadrados (ANDRADE; NETO, 2007, p. 25).

Portanto, as ciências sociais se apoiam na afirmação de que a realidade é formada por grupos juvenis que constituem um conjunto heterogêneo, com diferentes parcelas de oportunidades, dificuldades, facilidades e poder nas sociedades. A juventude é uma “produção na qual se conjugam, entre outros fatores, estereótipos, momentos históricos, múltiplas referências, além de diferentes e diversificadas situações de classe, gênero, etnia, grupo etc.” (ABRAMOVAY; ANDRADE; ESTEVEZ, 2007, p. 21).

A diversidade e pluralidade da juventude gera também desigualdades na forma de viver essa etapa: uma jovem negra e pobre vivencia a sua juventude de maneira diferente de um rapaz branco e da classe média. Ainda dentro do próprio “nível” econômico, uma mulher vive sua juventude diferente do homem ou de um jovem homossexual. Assim, a vivência da juventude de características vulneráveis e marginalizada é desafiadora. Em muitos casos à juventude que muitas vezes já marginalizada, alia-se a pobreza ou a desigualdade de gênero o que “interfere diretamente na trajetória de vida e nas possibilidades e sentidos que assumem a vivência juvenil. Um grande desafio cotidiano é a garantia da própria sobrevivência, numa tensão constante entre a busca de gratificação imediata e um possível projeto de futuro” (DAYRELL, 2007, p. 108).

Uma outra característica muito presente na juventude que se relacionam com identidade, sociabilidade e pluralidade, são as expressões culturais. Nesse sentido, as juventudes aparecem como consumidores e produtores de práticas culturais seja na produção de audiovisuais, dança, imagens como fotografia e grafite. Segundo Dayrell (2007), os jovens produzem “as mais diversas expressões, por meio das quais se constroem espaços de identidade própria, que se traduzem no corpo, através de roupas, adereços, cabelos. Muitas vezes, o próprio corpo se torna ícone, expressão de uma determinada identidade”.

Andrade e Neto (2007, p. 34) destacam o aspecto da vestimenta e da moda que está intrinsecamente relacionada com a cultura pois, “os seres humanos são capazes tanto de relatar como de omitir ou falsear, uns para os outros, importantes aspectos de sua condição biológica e sociocultural (sexo, idade, classe social, trabalho, origem, personalidade, estado de espírito etc.) simplesmente por meio das roupas que envergam”. Para eles o “idioma da roupa” assim como a escrita e a fala, está ligado a transformação e aos processos sociais que envolvem os jovens e a sociedade como um todo.

Contudo, mais uma vez fazemos a ressalva de que as vivências juvenis são vivenciadas de formas diferentes dentro da própria subjetividade dos jovens, assim, podemos afirmar com León (2005, p. 15-16) que nem todos os jovens são expostos da mesma maneira a essas realidades “nem tampouco todos vivem as mesmas experiências, ou se é que estão expostos homogeneamente a determinados influxos sociais e culturais, nem todos os processam internamente ou em termos de sua subjetividade, da mesma maneira”.

A reversibilidade das escolhas é uma outra característica identificada na juventude pelas ciências sociais. A juventude contemporânea vai de encontro com as outras gerações e tem uma maior liberdade para viver diferentes experimentações, o sociólogo José Machado Pais (1990, p. 10), a nomeia como uma geração ioiô, onde há um ir e voltar, uma instabilidade nas vivências e experiências vividas pelos jovens. Isso se deve porque em “uma sociedade cada vez mais desinstitucionalizada, na qual a socialização tende a ser cada vez mais jogada sobre o próprio indivíduo, na qual o indivíduo se torna responsável pela construção de si”. Nesse sentido, esse comportamento ioiô também pode ser verificado nas relações afetivas (preferem ficar do que namorar) e também no trabalho, “Vão e voltam em diferentes formas de lazer, com diferentes turmas de amigos, o mesmo acontecendo aos estilos musicais. Aderem a um grupo cultural hoje e amanhã poderá ser outro, sem maiores rupturas” (DAYRELL, 2007, p.113).

Considerações Finais

Os diversos saberes desenvolvidos a partir do séc. XX muito contribuíram para trazer novas e outras perspectivas para melhor entendermos as juventudes. Observa-se um desenvolvimento qualitativo e quantitativo em tais estudos, principalmente quando os diversos teóricos vão percebendo a complexidade que envolve a condição humana e por consequência, a juventude.

Nota-se, portanto, um movimento no sentido de não ficar restrito a afirmações puramente biológicas – embora esses aspectos sejam fundamentais para a realidade juvenil – e passam a verificar outros aspectos tais como a história e a sociedade em suas mais diversas variantes. Dessa forma, observa-se que a interação com o meio e a forma com que o jovem vai assimilar o seu contexto muito influenciará na sua vivência juvenil, o que fortemente nos faz compreender que não existe somente uma juventude.

Contudo essas diversas juventudes que embora plural trazem consigo algumas características que podem ser muito próprias ou mais evidentes nessa etapa da vida, tal como a identidade, a sociabilidade e a busca por experiências, em um constante malabarismos entre o antigo e o novo e que podem ser lidados de formas diversas que variam entre os extremos de um tradicionalismo fundamentalista a um liberalismo anarquista.

Nesse sentido, é importante verificar não somente um dos discursos sobre juventude, mas como bons amantes da sabedoria, olhar o objeto a partir de vários ângulos e compreendê-lo a partir de suas várias facetas para, então, compreender de uma forma mais ampla, aprofundada e globalizada o fenômeno a ser estudado.

Sobre o artigo

Recebido: 17/10/2019

Aceito: 12/01/2020

Referências bibliográficas

ABERASTURY, A., KNOBEL, M. **Adolescência Normal: um enfoque psicanalítico**. Trad. de Suzana Maria Garagoray Ballve. Porto Alegre: Artmed Editora, 1981.

ABRAMO, H. W. O uso das noções de adolescência e juventude no contexto brasileiro. In: FREITAS, M. V. (org.). **Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais**. São Paulo: Ação Educativa, 2005. Disponível em: <http://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/05623.pdf>. Acesso em: 12 de maio de 2019.

ABRAMOVAY, M. ANDRADE, E. ESTEVEZ, L. (orgs.). **Juventudes: outros olhares sobre a diversidade**. Brasília: Ministério da Educação, 2007. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0015/001545/154580por.pdf>. Acesso em: 12 maio 2019.

ADÃO, K. S. As implicações pedagógicas da teoria do desenvolvimento humano de Stanley Hall. **R. min. Educ. Fis.**, Viçosa, v. 2, n. 2, p. 9-15, 1994.

ANDRADE, E. R.; NETO, M. F. Juventudes e Trajetórias Escolares: conquistando o direito à educação. In: ABRAMOVAY, M. ANDRADE, E. ESTEVEZ, L. (orgs.). **Juventudes: outros olhares sobre a diversidade**. Brasília: Ministério da Educação, 2007.

ARMSTRONG, T. **Odisseia do desenvolvimento humano: navegando pelos 12 estágios da vida**. Tradução: Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Armed, 2011.

BAJOIT, G.; FRANSSEN, A. O trabalho, busca de sentido. In: FÁVERO, O.; SPÓSITO, M. P.; CARRANO, P.; NOVAES, R. R. **Juventude e Contemporaneidade**. Brasília: UNESCO, 2007.

BERGER, P. L. **Perspectivas Sociológicas: uma visão humanística**. Tradução: Donaldson M. Garschagen. Petrópolis: Vozes, 1986.

BORDIEU, P. **Questões de Sociologia**. Questões de Sociologia; tradução de Jeni Vaitsman. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero Limitada, 1983.

CAMARA, M. M.; CRUZ, A. R. Adolescência prolongada: o tempo que não se quer deixar passar. **Educ. rev.** [online], v.15, p. 1-8, 1999. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-4060.190>. Acesso em: 10 de maio de 2019.

CORROCHANO, M. C.; ABRAMO, L. Juventude, educação e trabalho decente. **Linhas críticas (UnB)**, v.22, p.110-119, dez. 2016.

DAYRELL, J. A escola "faz" as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação & Sociedade** [online]. 2007, v. 28, n. 100, pp. 1105-1128. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302007000300022>. Acesso em: 10 de maio de 2019.

DAYRELL, J.; CARRANO, P.; MAIA, C. L.; (orgs.). **Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

ERIKSON, E. H. **Identidade, juventude e crise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

GROPPO, L. A. **Juventude: ensaios sobre Sociologia e História das Juventudes Modernas**. Rio de Janeiro: Difel, 2000.

LEÓN, O. D. Adolescência e juventude: das noções às abordagens. In: FREITAS, M. V. (org.). **Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais**. São Paulo: Ação Educativa, 2005. Disponível em: <http://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/05623.pdf>. Acesso em: 12 de maio de 2019.

LIRIO, L. C. A construção histórica da adolescência. **Protestantismo em Revista**, São Leopoldo, v. 28, n. 2. 2012. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.22351/nepp.v28i0.250>. Acesso em: 10 de maio de 2019.

PAIS, J. M. A construção sociológica da juventude: alguns contributos. **Análise Social**, vol. 25, p. 139-165, 1990. Disponível em: <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223033657F3sBS8rp1Yj72MI3.pdf>. Acesso em: 13 de maio de 2019.

PICANÇO, F. S. Juventude e Trabalho Decente no Brasil: uma proposta de mensuração. **Caderno CRH**, Salvador, v. 28, n. 75, p. 569-590, 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-49792015000300008>. Acesso em: 02 de novembro de 2020.

RABELLO, E. T. **Personalidade: estrutura, dinâmica e formação - um recorte eriksoniano**. Monografia de Graduação. Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2001.

SALES, S. R. S. Tecnologias Digitais e juventude ciborgue: alguns desafios para o currículo do ensino médio. In: DAYRELL, J.; CARRANO, P.; MAIA, C. L. (org.). **Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

SANTOS, B. S. Um discurso sobre as ciências na transição para uma ciência pós-moderna. **Estud. av.**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 46-71, 1988. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-40141988000200007>. Acesso em: 01 de novembro de 2020.

SANTOS, I. N.; AZEVEDO, J. Compressão do espaço-tempo e hiperlocalização: os novos flâneurs. **Comunicação e sociedade**, v.35, n. 5. 2019. Disponível

em: [https://doi.org/10.17231/comsoc.35\(2019\).3141](https://doi.org/10.17231/comsoc.35(2019).3141). Acesso em: 02 de novembro de 2020.

SILVA, C. R.; LOPES, R. E. Adolescência e Juventude: entre conceitos e políticas públicas. **Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar**, São Carlos, v. 17, n. 2, p. 87-106, 2009. Disponível em: <http://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/100/65>. Acesso em: 10 de maio de 2019.

VICENTE, A. L. Teoría de teorías sobre la adolescencia. **Última Década**, v. 22, n. 40, Proyecto Juventudes, p. 11-36, 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.4067/S0718-22362014000100002>. Acesso em: 10 de maio de 2019.